

Ngaio Marsh

Crime de Luxo

Tradução de
Salvador Guerra

ASA

ÍNDICE

1. Os protagonistas	9
2. Bunchy	28
3. Depois de uma festa	39
4. Chantagem ao som de música.....	54
5. Um sucesso absoluto.....	61
6. Bunchy regressa à Scotland Yard.....	77
7. Notícia de última hora	85
8. Troy e Alleyn.....	97
9. O relatório de Mr. Fox	109
10. Donald	121
11. O capitão Withers em casa	132
12. Declarações de um criado	144
13. Dimitri corta os dedos	158
14. Davidson divaga.....	175
15. Um simples soldado	186
16. Lady Carrados recorda	202
17. O elemento da juventude	214
18. Os embaraços de uma secretária	224
19. O general.....	235
20. Rose Birnbaum.....	251
21. A declaração de Lucy Lorrimer.....	261
22. Clube noturno.....	277
23. Donald fala sobre Wits.....	287
24. A dança revela-se.....	301
25. A contribuição de um clérigo	309

CAPÍTULO 1

OS PROTAGONISTAS

I

– Roderick – disse Lady Alleyn, olhando para o filho por cima dos óculos –, vou sair.

– Sair? – repetiu o inspetor-chefe Alleyn vagamente.

– Sair para onde, mãe? Sair de quê?

– Sair para o mundo. Da reforma. Sair para a temporada. Sair. Valha-me Deus – acrescentou ela confusamente –, uma palavra torna-se absurda quando a repetimos muitas vezes. Sair.

Alleyn pousou um documento com aspeto oficial na mesa do pequeno-almoço e olhou para a mãe.

– De que está a falar? – perguntou.

– Não seja estúpido, querido. Eu vou fazer a temporada de Londres.

– A mãe perdeu a cabeça?

– Talvez tenha perdido. Eu disse ao George e à Grace que vou acompanhar a Sarah na próxima temporada. Aqui está uma carta do George e outra da Grace. Casa do Governo, Suva. Ficaram encantados por me ter oferecido.

– Santo Deus, mãe – exclamou Alleyn –, a mãe deve estar louca. Sabe o que isso significa?

– Claro que sim. Significa que tenho de arranjar um apartamento em Londres. Significa que tenho de procurar

todas as pessoas que poderão já ter morrido, estar divorciadas ou que tenham voltado a casar. Significa que tenho de dar almoços e festas e trocar croquetes com mães dedicadas. Significa que tenho de me sentar em salões de baile a elogiar as netas de outras mulheres e conseguir jovens para a minha própria neta. Ficarei acordada até às quatro da madrugada cinco noites por semana e receio, meu querido, que a minha renda preta e meu vestido de gala não resistirão à tensão. Então, além de comprar roupas para a Sarah, terei de comprar algumas para mim. E gostaria de saber o que pensa sobre isso, Roderick?

– Acho que é tudo um absurdo. Por que diabo não podem o George e a Grace apresentar a Sarah?

– Porque eles estão em Fiji, querido.

– Bem, por que razão não pode ela esperar até que eles regressem?

– A nomeação do George é de quatro anos. Dentro de quatro anos, a sua sobrinha terá vinte e dois. Uma debutante demasiado velha.

– *Porque* é que a Sarah tem de debutar? Porque não pode ela simplesmente aparecer?

– Isso não lhe sei dizer, mas o George e a Grace certamente saberiam. Devo dizer que prefiro que o faça, Roderick. Uma jovem diverte-se tanto na sua primeira temporada. Não há nada igual, nunca mais. E agora voltámos aos acompanhantes e tudo, parece realmente ter algum do antigo *glamour*.

– Quer dizer que as debutantes voltaram a ser tratadas como flores de estufa durante três meses para depois se aventurarem como plantas perenes para o resto da vida?

– Se quiser pôr as coisas dessa maneira. O sistema tem o seu mérito, querido.

– Pode ser muito admirável, mas não vai ser um pouco cansativo para si? A propósito, onde está a Sarah?

– Ela atrasa-se sempre um pouco para o pequeno-almoço. Como dormem bem estes jovens, não dormem? Mas estávamos a falar sobre a temporada, não estávamos? Acho que vou gostar, Rory. E não dará assim tanto trabalho. Esta manhã tive notícias da Evelyn Carrados. Chamava-se Evelyn O’Brien, sabe. Evelyn Curtis, claro, era o seu primeiro nome, mas isso foi há muito tempo, ninguém se importa. Não é que ela seja assim tão velha, pobre rapariga. Ainda não deve ter quarenta anos. É bastante jovem, na verdade. A mãe dela era a minha melhor amiga. Debutámos juntas. E agora chegou a vez de a Evelyn apresentar a sua própria filha e ofereceu-se para ajudar com a Sarah. Não tive muita sorte?

– Imensa – respondeu Alleyn secamente. – Lembro-me da Evelyn O’Brien.

– Espero bem que sim. Fiz o que pude para o persuadir a apaixonar-se por ela.

– E apaixonei-me?

– Não. Nunca percebi porquê, ela era muito bonita e encantadora. Agora que penso nisso, não tinha muitas hipóteses com ela porque ela se apaixonou perdidamente pelo Paddy O’Brien, que voltou de repente da Austrália.

– Eu lembro-me. Um tipo romântico, não era?

– Sim. Eles casaram-se depois de um curto noivado. Cinco meses depois, ele morreu num acidente de automóvel. Não foi horrível?

– Horrível.

– E mais ou menos seis meses depois nasceu uma menina, a Bridget. A Evelyn deu-lhe esse nome porque o Paddy era irlandês. E então, pobre Evelyn, casou-se com o Herbert Carrados. Ninguém soube porquê.

– Eu não estou surpreendido. Ele é muito maçador. Deve ser bastante mais velho do que a Evelyn.

– Uns mil anos e tão pomposo que é inacreditável. Conhece-o, evidentemente.

– Vagamente. É um tipo muito importante na City.

Alleyn acendeu o cigarro da mãe e o seu. Foi até à porta envidraçada e olhou para o relvado.

– O seu jardim também se está a preparar para debutar – observou. – Quem me dera não ter de voltar para a Scotland Yard.

– Agora, querido? Neste momento?

– Infelizmente. É este caso. – Acenou com alguns papéis na mão. – O Fox ligou ontem à noite. Aconteceu algo.

– Que tipo de caso é?

– Chantagem, mas não tem permissão para fazer perguntas.

– Rory, que emocionante. Quem está a ser chantageado? Alguém muitíssimo importante, espero?

– A mãe lembra-se de Lord Robert Gospell?

– O *Bunchy* Gospell, quer você dizer? Ele certamente não pode estar a ser chantageado. Uma criatura tão inocente...

– Não, mãe, não é ele. Nem ele é chantagista.

– É um homenzinho muito querido – disse Lady Alleyn enfaticamente. – Um homenzinho extremamente simpático.

– Não é homenzinho nenhum agora. Está bastante gordo e usa uma capa e um *sombrero* como G.K. Chesterton.

– A sério?

– Deve ter visto fotografias dele nos seus horríveis jornais ilustrados. Apanham-no sempre que podem. «Lord Robert (‘Bunchy’) Gospell conta uma das suas famosas histórias.»

– Sim, mas o que tem ele que ver com a chantagem?

– Nada. Ele é, como a mãe diz, um homenzinho extremamente simpático.

– Roderick, não seja irritante. O Bunchy Gospell tem alguma coisa a ver com a Scotland Yard?

Alleyn estava a olhar para o jardim.

– Digamos – respondeu finalmente – que temos um grande respeito por ele na Yard. Não é apenas encantador... também é, à sua maneira, uma personagem notável.

Lady Alleyn olhou pensativamente para o filho durante alguns segundos.

– Vai estar com ele hoje? – perguntou.

– Penso que sim. Porquê?

– Ora, querido, para ouvir uma das suas famosas histórias.

II

Era o primeiro dia de Miss Harris no seu novo emprego. Fora contratada como secretária de Lady Carrados para a temporada de Londres. Miss Harris sabia muito bem o que isso significava. Não se tratava, de modo algum, da sua primeira temporada como secretária. Era uma jovem competente e muito pouco imaginativa, com um cérebro dividido em compartimentos estanques e uma mente que de certa forma rotulava todas as questões como «com resposta/tratado» ou «por responder/tratar». Se uma ideia especulativa ou pouco convencional se cruzasse com Miss Harris era prontamente tratada ou imediatamente fechada num dos compartimentos estanques e escuros, para nunca mais ver a luz do dia. Se Miss Harris não fora capaz de a tratar imediatamente, era porque não tinha resposta e, portanto, não tinha importância. Talvez por o seu carácter ter sido formado na grande família de um clérigo do Buckinghamshire, Miss Harris nunca por um momento se interrogou por que razão deveria passar a vida a organizar a diversão de outras pessoas e ela própria contentar-se com tão pouco divertimento. Isso teria parecido a Miss Harris uma especulação irrelevante

e bastante estúpida. Um emprego era um conjunto de deveres diligentemente ordenados e arquivados, adequado à nossa posição na hierarquia social e, portanto, respeitável. Não continha qualquer outro interesse ético mais elevado. Isso não significava que Miss Harris era insensível. Pelo contrário, era bastante sensível a tudo o que dizia respeito a pontos de etiqueta relacionados com a sua posição nas casas em que trabalhava. O lugar onde almoçava, com quem almoçava e quem lhe servia a refeição eram questões de grande importância para ela e estava dolorosamente ciente das nuances mais subtis na atitude dos seus patrões. Sentia-se nitidamente otimista neste novo emprego. Lady Carrados impressionara-a favoravelmente, tratando-a, de acordo com as suas próprias palavras, como uma perfeita senhora. Miss Harris caminhou a passos largos ao longo de uma passagem no andar de cima e bateu duas vezes, não muito alto e não de forma demasiado tímida, a uma porta branca.

– Entre – gritou uma voz distante.

Miss Harris obedeceu e deu consigo num grande quarto branco. A carpete, as paredes e as cadeiras eram todas brancas. Um fogo ardia com lenha de cedro sob uma prateleira de fogão branca em estilo Adam; uma pele de urso branca quase fez com que Miss Harris tropeçasse ao atravessar o quarto em direção à grande cama branca onde a sua patroa estava instalada, apoiada em almofadas. A cama estava coberta com folhas de papel de carta.

– Ah, bom dia, Miss Harris – saudou Lady Carrados. – Não imagina como estou contente por vê-la. *Importa-se* de esperar um momento enquanto termino esta nota? Por favor, sente-se.

Miss Harris sentou-se discretamente numa cadeira pequena. Lady Carrados lançou-lhe um sorriso vago e bonito, e continuou a escrever. Com um único olhar inofensivo,

Miss Harris apreendeu cada detalhe da aparência da sua patroa.

Evelyn Carrados tinha trinta e sete anos de idade, e nos seus melhores dias parecia ser mais nova. Era uma mulher alta, de cabelo escuro e pálida, mas de uma palidez bonita. Uma vez, Paddy O'Brien mostrara-lhe uma imagem da Madonna di San Sisto e dissera-lhe que ela estava a olhar para si mesma, o que não era bem verdade. O seu rosto era mais comprido e tinha mais intensidade e carácter do que a virgem complacente de Rafael, mas os grandes olhos escuros eram semelhantes, bem como o cabelo liso apartado ao meio. Depois disso, Paddy começara a chamar-lhe «Donna» e Evelyn Carrados ainda guardava as suas cartas que começavam com «Querida Donna». Curiosamente, Bridget, a sua filha, que nunca conhecera o pai, também lhe chamava «Donna». No dia em que Miss Harris fora entrevistada, Bridget havia entrado no quarto e fora sentar-se no braço da poltrona da mãe. Uma jovem tranquila com uma voz encantadora. Miss Harris, olhando em frente enquanto esperava, recordou esse encontro. «*Ele* ainda não apareceu», pensou, referindo-se a Sir Herbert Carrados, cuja fotografia a fitava de uma moldura de prata no toucador da mulher.

Lady Carrados assinou o nome e procurou o mata-borrão sobre a colcha. Miss Harris colocou imediatamente o seu próprio mata-borrão sobre a cama.

– Oh – disse Lady Carrados, com um ar de espanto satisfeito –, tem um! Muito obrigada. Pronto, já está resolvido, não está?

Miss Harris sorriu. Lady Carrados lambeu a aba de um envelope e olhou por cima deste para a sua secretária.

– Vejo que me trouxe o correio – disse ela.

– Sim, Lady Carrados. Não sabia se a senhora preferia que eu abrisse toda a...

– Não, não. Não, por favor.

Miss Harris não se mostrou ofendida, era demasiado competente para demonstrar algo do género, mas sentiu-se ferida nos seus sentimentos. Uma pequena alfinetada de mortificação odiosa e miserável trespassou-lhe a pele fina. Ela ultrapassara os limites.

– Muito bem, Lady Carrados – disse Miss Harris educadamente.

Lady Carrados inclinou-se para a frente.

– Eu sei que estou errada – apressou-se a dizer. – Sei que não me estou a comportar como se deve, quando se tem a sorte de dispor de uma secretária, mas, sabe, não estou habituada a tais luxos e ainda gosto de fingir que faço tudo sozinha. Por isso vou divertir-me a abrir as minhas cartas e a entregá-las a si. O que é muito injusto, mas vai ter de atuar isso, pobre Miss Harris.

Observou a secretária a sorrir e respondeu com um olhar encantador de compreensão.

– E agora – continuou –, podemos tratar de tudo isto, não acha?

Miss Harris colocou as cartas em três pilhas organizadas sobre a prancheta e começou logo a anotar em estenografia as respostas que deveria escrever. Lady Carrados manteve uma espécie de comentário ininterrupto.

– Lucy Lorrimer. Quem é Lucy Lorrimer, Miss Harris? Já sei, é aquela velha senhora que fala como se todos fossem surdos. O que é que ela quer? «Soube que a sua filha vai debutar e ficaria muito contente se...» Bem, vamos ter de ver isso, não é? Se for uma tarde livre teremos todo o gosto. Já está. Agora esta. Ah, *sim*, Miss Harris, esta é *muito* importante. É de Lady Alleyn, uma *grande* amiga minha. Sabe a quem me refiro? Um dos filhos é um baronete aborrecido e o outro é um detetive. Sabe?

– É o inspetor-chefe Alleyn, Lady Carrados? O famoso?

– É esse mesmo. MUITÍSSIMO bonito e distante. Ele estava no Ministério dos Negócios Estrangeiros quando a guerra rebentou e, em seguida, depois da guerra, tornou-se detetive de repente. Não lhe sei dizer porquê. Não que isso importe – continuou Lady Carrados, olhando para o rosto atento da secretária –, porque esta carta nada tem a ver com ele. É sobre a filha do seu irmão George que a mãe dele vai apresentar e eu disse que ia ajudar. Por isso, deve lembrar-se, Miss Harris, que Sarah Alleyn deve ser convidada para *tudo*. E Lady Alleyn para os almoços das mães e todas essas coisas. Compreendeu? Aqui está o endereço dela. E lembre-me de lhe escrever pessoalmente. Agora, lá vamos nós outra vez e...

Parou tão de repente que Miss Harris levantou os olhos, surpreendida. Lady Carrados olhava para uma carta que segurava entre os dedos compridos e brancos. Os dedos tremiam ligeiramente. Miss Harris olhou para eles e para o envelope quadrado com uma espécie de fascinação. O silêncio instalou-se no quarto branco – um silêncio quebrado apenas pelo tiquetaque inconsequente e apressado de um relógio de porcelana sobre a lareira. Com um clique sonoro o envelope caiu na pilha de cartas.

– Desculpe, Lady Carrados – interrompeu Miss Harris –, mas está a sentir-se mal?

– O quê? Não. Não, obrigada.

Pôs a carta de lado e pegou noutra. Depressa a caneta de Miss Harris voava rapidamente sobre o bloco de notas. Ela tomou notas sobre a aceitação, recusa e envio de convites. Fez listas de nomes com anotações ao lado e entrou numa longa discussão sobre o baile de Lady Carrados.

– Vou contratar o Dimitri, o homem do *catering* de Shepherd Market, sabe, para fazer tudo – explicou Lady Carrados. – Parece ser... – fez uma pausa estranha – o mais seguro.

– Bem, ele *é* o melhor – concordou Miss Harris. – Estava a falar de despesas, Lady Carrados. O Dimitri cobra cerca de vinte e cinco xelins por cabeça. Mas isso inclui *tudo*. Já sabe com o que conta e ele *é* bom.

– Vinte e cinco xelins? Penso que serão cerca de quatrocentos convidados. Qual *é* o custo?

– Quinhentas libras – disse Miss Harris calmamente.

– Oh, meu Deus, *é* muito, não *é*? E depois há a banda. Devíamos ter champanhe no *buffet*. Livra-nos da procissão interminável para a sala de jantar que eu acho sempre uma maçada.

– Champanhe no *buffet* – disse Miss Harris secamente.

– Receio que isso signifique trinta xelins por cabeça.

– *Oh*, que horror!

– A conta do Dimitri sobe para as seiscentas libras. Mas, *é* claro, como lhe digo, Lady Carrados, que será tudo o que terá de pagar.

Lady Carrados olhou para a secretária sem responder. Por alguma razão, Miss Harris sentiu-se como se tivesse cometido outra gafe. Havia, pensou ela, uma expressão muito singular nos olhos da sua patroa.

– Julgo que mil libras devem cobrir a totalidade da despesa, com a banda e tudo o resto – acrescentou ela rapidamente.

– Sim, estou a ver – disse Lady Carrados. – Mil libras.

Ouviu-se uma pancada na porta e uma voz chamou: – Donna!

– Entra, querida!

Uma jovem alta e de cabelo escuro, trazendo uma pilha de cartas, entrou no quarto. Bridget era muito parecida com a mãe, mas ninguém teria pensado em compará-la com a Madonna Sistina. Ela herdara demasiada da luminosidade de Paddy O'Brien para isso. Os seus lábios eram muito bem desenhados. Os olhos, separados, eram profundos sob